

Transexualidade – do sujeito ao corpo; do corpo ao sujeito, o que pode a psicanálise?

Resumo

O presente artigo surgiu de uma inquietação do autor a respeito da temática identidade de gênero, especificamente relacionado a população trans. A partir de tais inquietações o autor busca articular a teoria psicanalítica com temas como transexualidade, transidentidade, transgeneridade, corpo trans e as vivências dessa população. Tais articulações estão embasadas na escuta psicanalítica do sujeito trans oportunizada pelo trabalho desenvolvido com esses sujeitos.

Palavras-chave: Trans, corpo, sujeito

Abstract

This article arose from the author's concern about the theme of gender identity, specifically related to the trans population. Based on such concerns, the author seeks to articulate psychoanalytic theory with themes such as transsexuality, transidentity, transgenderism, the trans body and the experiences of this population. Such articulations are based on the psychoanalytic listening of the trans subject made possible by the work developed with these subjects.

Keywords: Trans, Body, Subject.

*“É necessário quebrar os padrões
É necessário abrir discussões
Alento pra alma, amar sem portões
Amores aceitos sem imposições
Singulares, plural
Se te dói em ouvir, em mim dói no carnal”*

Etérea – Criolo.

O presente artigo irá trazer alguns apontamentos e reflexões a respeito da transexualidade ou também identificado como Trans (travestis e transexuais) em articulação com a psicanálise. O ponto de partida para tratar a temática surgiu do trabalho desenvolvido pelo autor junto a população LGBTI (lésbica, gay, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais) em especial as pessoas trans, tema que causou inquietação ao autor despertando seu interesse em “desbravar” tal temática sob a ótica da psicanálise.

Esse texto não se propõe a explorar a temática da transexualidade em toda sua complexidade, mas apresentar alguns pontos para o debate e reflexão que foram levantados por

meio da escuta dos sujeitos, sua singularidade, bem como acompanhamento de suas vivências, dores e angústias. A proposta é questionar o saber posto para então possibilitar circular, e avançar nesse que ainda é um caminho espinhoso e que tem muito a ser debatido.

Pensar a sexualidade em suas várias formas e configurações é inicialmente um olhar para a temática da sexualidade e como essa reverbera em cada sujeito, como tais questões estão postas e tratadas para o sujeito, não apenas o sujeito escutado, mas principalmente para o sujeito que escuta. O Paciente questiona e toma o analista desse lugar, a maneira como o sujeito trata a questão da sexualidade também, em certa medida, questiona esse lugar do sexual no analista.

É a partir de alguns questionamentos que iniciamos nossa explanação, quem é esse sujeito que se identifica com o gênero diferente do que lhe foi atribuído ao nascimento? Que corpo é esse que está em desconformidade ao gênero? Estaríamos nós, ainda presos a uma lógica binária o que impossibilitaria escutar o sujeito em sua singularidade? E por fim, qual o dizer presente na transexualidade? A psicanálise não pode se furtar a esse debate e tão menos acatar permissivamente as críticas feitas a ela, é necessário estar aberto a questionar quem são esses sujeitos qual seu lugar no discurso social.

TRANS gênero ... TRANS sexualidade ... TRANS Identidade.

O termo trans-sexualismo foi cunhado pelo doutor D. O. Cauldwell em 1949, em um artigo publicado na revista de educação sexual de Gernsback – *Sexology* - intitulado “Psychopathia Transexualis”. Destaca-se que desde esse momento a transexualidade era tratada como uma patologia, uma doença a qual deve ser estudada e tratada.

A transexualidade foi considerada como uma patologia até 2019, momento em que foi lançada a 11ª versão do CID. A partir desse momento o termo sai da categoria de transtornos mentais e passa a integrar a categoria de condições relacionadas a saúde sexual, sendo classificada como incongruência de gênero. Isso significa que a transexualidade deixou de fazer parte do hall de transtornos mentais, o que é considerado um avanço para os sujeitos que se identificam com o gênero diferente do que foi designado ao nascer, destacam-se as travestis, mulheres trans e homens trans.

A nomenclatura utilizada atualmente é motivo de debate, não havendo consenso quanto a sua utilização. Há alguns que argumentam que o termo transgênero é uma leitura americana e que não reflete as vivências dos sujeitos que habitam no Brasil. Outra versão é o termo transexualidade, o que é criticado por ainda vincular a questão sexualidade o que para algumas pessoas remete a práticas sexuais. Por fim há o termo transidentidade, que remete a questão da identidade dos sujeitos, como esses se identificam, entretanto, tal termo é utilizado em alguns

ambiente não sendo um consenso entre e a população. Nos três termos destacados há um significante se repete, o prefixo TRANS.

Como coloca Lacan, um significante em si não significa nada, "nosso ponto de partida, o ponto a que voltamos sempre, pois estaremos sempre no ponto de partida, é que todo verdadeiro significante é, enquanto tal, um significante que não significa nada" (LACAN, 1985, p. 212). É preciso um segundo significante, que ele esteja articulado na cadeia com outros significantes.

Retomado a celebre frase de Lacan (2003) um significante representa o sujeito para um outro significante, nos possibilita pensar que o significante trans vem representar um sujeito, que possuem uma identidade de gênero em discordância com o sexo biológico atribuído ao nascimento, para um outro significante. Entretanto como adverte Lacan, quando se trata de sujeito, é necessário considerar que há um limite, não há um significante capaz de dizer do que se é.

A pluralidade de denominações, transexualidade, transgênero, transidentidade, nos remete a busca do sujeito em localizar um significante que venha representa-lo, responder pelo que é. Entretanto conforme destaca Lacan, "não há no Outro nenhum significante que possa, conforme o caso, responder pelo que sou" (LACAN, 2016. p. 322).

A não conformidade na definição e denominação, nos faz refletir a respeito da inconformidade do sujeito em relação ao seu gênero a sua identificação enquanto homem ou mulher. Tal inconformidade se evidencia na relação do sujeito com seu corpo. Os sujeitos trans, transcendem a lógica biologicista que define gênero com base no corpo biológico. O sujeito se identifica com um gênero diferente do sexo biológico, empreendendo esforços na busca de adequar seu corpo, que seu corpo possa representar seu gênero, possa lhe representar.

CORPO TRANS

"Quem sabe o que se passa no seu corpo?" para alguns, chega a ser o sentido que dão ao Inconsciente" (LACAN, 2005b, p. 145).

As questões relacionadas ao corpo percorrem a obra de Lacan, apesar de não discutir de forma específica ele se refere a questão ao longo do seu ensino articulando aos conceitos e formulações que desenvolveu. A introdução da noção de sujeito em psicanálise realizada por Lacan, trouxe novos parâmetros de discussão sobre a questão do corpo, alguns diferentes dos apresentados por Freud (CECCARELLI, 2017). Conforme destaca Soler "Freud não hesitou em retomar o dito de Napoleão, a anatomia é o destino" (2005, p.136), Lacan avança e propõe uma formulação que parece por fim a qualquer norma que provenha da natureza, afirmando que os sujeitos tem escolha.

Por meio do percurso realizado por Lacan podemos pensar o sujeito e sua relação com o corpo, para debatermos a respeito dessa relação, nesse texto, utilizaremos como ponto de partida os três registros, que foram apresentados por ele na conferência de abertura das atividades da Sociedade Francesa de Psicanálise realizada em 8 de julho de 1953, intitulada *O simbólico, o imaginário, o real*.

Durante a obra de Lacan os três registros vão sendo atualizados e tornam-se fundamentais na teoria Lacaniana para pensar a concepção de sujeito, e a concepção de corpo na psicanálise.

No seminário sobre Os escritos técnicos de Freud, Lacan afirma, que real simbólico e imaginário são “categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência” (LACAN, 2009, p.308). Balizados por esse pressuposto, faremos uma breve explanação a respeito dos três registros, sua relação com o corpo, principalmente com o corpo trans.

Ao trabalhar a concepção de real, Lacan o apresenta enquanto o impossível, o que não comporta simbolização, importante destacar que real não é sinônimo de realidade. O corpo real está referenciado ao que é da ordem do orgânico, do biológico, “com o qual nascemos e que existe antes mesmo que tenhamos acesso à fala ou que possamos elaborar fantasia a respeito dele” (TEIXEIRA, 2018. p.63).

Importante destacar que esse corpo real biológico não fica imune a outras interferências, ele não sobrevive sem receber interferência de outras instâncias, como o simbólico. O corpo real passa a existir quando é falado, quando a instância simbólica se faz presente, “este real, para apreendê-lo, não temos outros meios – em todos os planos e não somente do conhecimento – a não ser por intermédio do simbólico” (LACAN, 1985, p. 128)

O simbólico então, se apresenta enquanto essa instância que atravessar o corpo do sujeito, o corpo é atravessado pela linguagem, “a linguagem toca o organismo, o desnuda, o modifica” (SOLER, 2019, p.35). É pela incorporação dos significantes dirigidos ao sujeito que este irá constituir sua rede de significantes com os quais se identificará. Lacan destaca o Simbólico como o que “ultrapassa a fala” (2005, p. 51), ele é caracterizado como o campo da linguagem, “trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto funcionando a partir da articulação do significante e do significado, que é o equivalente da própria estrutura da linguagem” (2005, p. 23).

O outro registro da tripartição apresentada por Lacan diz respeito ao imaginário. O imaginário não é da ordem da mera imaginação, ele deve ser entendido como o da relação especular, dual, com seus logros e identificações, mas, sobretudo, segundo os desenvolvimentos finais de Lacan, com o advento do sentido (JORGE, 2018).

Na comunicação feita no XVI Congresso Internacional de Psicanálise em 1949, o qual pode ser encontrado nos escritos com o título “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1998) Lacan debate a respeito do imaginário presente no processo de formação do sujeito, por meio de sua identificação a uma imagem totalizada, “o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p.97). O imaginário vez está referido, a imagem que o sujeito constrói do seu corpo, ele se forma a partir do olhar e do toque do outro, que molda o corpo do sujeito.

Tomando o exposto, o corpo em relação aos três registros, podemos ponderar que é pela via do imaginário que é feita a costura do real e do simbólico no corpo do sujeito. Catherine Millot em seu livro *Extrasexo* destaca:

se a diferença dos sexos deve muito ao simbólico e suas bipartições, e ao imaginário que fixa os papéis, ela pertence, em última instância, por aquilo que representa de incontornável, ao registro do real, ou seja, ela pertence à ordem do irreduzível, contra o qual se pode bater, sem parar, a cabeça. (1992, p.15)

Marcus do Rio Teixeira (2018) ao retomar o seminário RSI, destaca que Lacan situa o corpo no âmbito do registro imaginário, enquanto aquilo que consiste. “Porém, o corpo enquanto organismo diz respeito ao Real como dado incontornável, que não depende da simbolização, tampouco da imaginação” (p.63). O sexo é real, é o biológico, é o que designa cada criança ao nascer, características cromossômicas, hormonais ou anatômicas. Se o sexo é real e o gênero?

O conceito de gênero é amplamente debatido pelas ciências humanas e sociais, ele foi cunhado no movimento feminista. O gênero pode ser entendido como uma construção cultural e social, ele geralmente costuma ser relacionado ao sexo atribuído ao nascimento e designa papéis, comportamentos, atividades e características e os modos de se localizar no mundo, seja como menino ou como menina. Ao debater a respeito desses papéis é importante considerar o âmbito social ao qual a pessoa pertence, os quais podem variar de cultura para cultura. “Gênero é da ordem do simbólico e imaginário, da ordem do sentido que a cultura atribui ao que considera masculino e feminino” (JORGE e TRAVASSO, 2018, p. 43).

A construção do sujeito em sua concepção do que é ser homem ou mulher tem origem na relação o sexo e gênero, e a transexualidade não está apartada dessa construção. O sujeito trans apresenta uma discordância do sexo com o gênero ao qual se identifica, há uma construção subjetiva e singular do sujeito a respeito do seu gênero, do ser homem ou ser mulher, ou como traz Lacan, ser macho e ser fêmea, “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito pudesse se situar como ser de macho ou fêmea. O que se deve fazer como homem ou mulher, o ser humano

tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro”. (LACAN, 2008, p. 200). É por meio desse enodamento que resulta a subjetivação do sexo o que possibilita o sujeito sustentar o parecer homem ou o parecer mulher.

Pensar as identidades trans sejam elas travestis ou transexuais, nos leva a questionar a respeito disso que é da ordem do estranho ao sujeito, dessa discordância de sexo e gênero e de todos os meios aos quais o sujeito se utiliza para “adequar” seu corpo ao gênero que se identifica. O sujeito vivencia um sentimento de estranheza com si mesmo, não há um reconhecimento do corpo que habita. Há o que Millot (1992) chama de “sentimento de ser mulher num corpo de homem (ou inverso)” (p.23).

A fim de exemplificar tal estranheza, trazemos aqui um recorte de uma situação vivenciada no trabalho com a população trans. Trata-se de uma mulher trans, que vem realizando o processo transexualizador que inclui o tratamento de hormonioterapia e demais acompanhamentos, entretanto como no Brasil há uma grande dificuldade para a realização da cirurgia de redesignação sexual, há poucos estados habilitados pelo SUS e os que estão possuem uma fila de espera muito grande, no caso citado a mulher estava esperando na fila por aproximadamente dois anos. Durante uma discussão sobre o credenciamento e habilitação do estado ao qual ela reside, para a realização da cirurgia, ela é tomada de uma raiva que a faz pedir a palavra e expor o não reconhecimento de seu corpo, a estranheza causada por ser uma mulher que possui pênis e que tem ereção.

A passagem citada traz no relato, a raiva apresentada e a angústia vivenciada por essa mulher em relação a adequação ao próprio corpo, trata-se de um corpo ao qual ela não se identifica. Essa angústia está presente no relato de muitas mulheres e homens trans, os quais não se identificam ao sexo atribuído ao nascimento, seu gênero está em discordância com seu sexo.

Para “adequar” seu gênero, elas utilizam tratamentos que são em muitos casos agressivos e invasivos. Entretanto vale salientar que não são todas as pessoas que tem acesso a um tratamento adequado, muitas pessoas recorrem a tratamentos clandestinos, fazendo uso de medicação, aplicação de próteses ou mais popularmente conhecido sílico que não são os adequados e próprios, o silicone industrial que até os dias de hoje são aplicados, ou ainda a realização de práticas para amputar membros ou esconder os mesmos, sejam eles seios ou pênis.

O relato apresentado por algumas pessoas trans nos faz pensar que, na maioria dos casos “a posição transexual é regida pela metonímia, segundo a qual a parte vale pelo todo” (MILLOT, 1992. p.86). O seio ou o pênis, são tomados como o todo, como o representante do ser homem ou ser mulher e desta forma devem ser retirados para finalmente ser uma mulher ou um homem. Millot nos alerta sobre tal situação.

o predomínio da imagem, na relação das mulheres com seu próprio corpo, constitui um ponto comum com os transexuais dos dois sexos. Esta pregnância do imaginário se explica se considerarmos a falta de um significante da feminilidade no inconsciente. É o que faz em particular o tormento da histérica, vítima de um questionamento sobre o que fundamenta, desde então, o ser de uma mulher. A falta de um apoio simbólico produz uma inclinação sobre o imaginário e a inflação correlativa dos ideais. Na falta de significante, as mulheres ideais se reproduzem facilmente, com tudo o que isso implica de tirania (MILLOT, 1992. p. 100).

Conforme exposto por Millot, a questão apresentada pelas mulheres trans é a mesma vivenciada pelas históricas. Por não possuir um significante que represente A Mulher, não há A mulher, ela é não toda, ela se constrói uma a uma, na singularidade, “não existe A Mulher, universal transcendente ao conjunto de todas as mulheres” (KEHL, 2008. p.28)

Pensar a partir da relação mulheres trans e histeria, possibilita a reflexão a respeito do que a transexualidade interroga ao sujeito. Em seu seminário “o avesso da psicanálise” (1969-1970), Lacan trabalha os quatro discursos, que se referem a posição do sujeito. Ao examinar o discurso histérico é possível verificar que esse interroga o mestre, nele o mestre (S1) encontra-se na posição do outro, ao qual a histérica irá dirigir sua demanda de “cura”, de “adequação” do corpo ao gênero correto.

A binaridade significativa (S1 – S2), que reparte o campo do sexual em dois sexos absolutamente distintos — homem e mulher —, é interrogada pelo histérico a partir daquilo que é impossível de ser apreendido pelo significante — o objeto a. Assim, na posição de agente do discurso, o sujeito surge dividido como efeito da linguagem no conflito sintomático, mas sua verdade é que ele se coloca como objeto do desejo, o *objeto a* indecifrável para o Outro. (JORGE e TRAVASSO, 2018. p.316).

A transexualidade interrogar o sujeito a respeito da sexualidade, a respeito do ser homem e ser mulher. Ela rompe com a concepção biologicista que impõe gênero e sexo como uma completude causal, ou seja, que o gênero é determinado pelo sexo biológico. Podemos dizer ainda, tomando como suporte o discurso histérico que “todo saber que o mestre (S1) produzir (S2) será impotente para dar conta do enigma da sexualidade (a)” (JORGE e TRAVASSO, 2018. p.316)

O acompanhamento de algumas situações vivenciadas pelas pessoas transexuais, possibilita um lugar de escuta privilegiado, o que nos propicia tecer algumas observações. Cito aqui uma reunião que tratava a respeito da temática políticas públicas a população trans, na ocasião uma indagação foi realizada, “e os homens trans? São poucos ou preferem não se

manifestar?” tal questionamento foi seguido de um debate a respeito do lugar ocupado pelo homem trans na malha social.

No que concerne aos homens trans é possível perceber que há uma busca destes de serem incluídos no meio social, ocasionando inclusive uma espécie de apagamento de sua condição antes da transição. Durante e após o processo transexualizador alguns homens trans buscam o anonimato proporcionado pelo significante masculino, sou homem, optando por vezes a não serem identificados como homens trans, e desta forma viverem discretamente.

Ao que parece os sujeitos após terem realizado a transição, sua retificação para o lugar do homem, assumindo a posição do masculino, dá-se um movimento de pertença ao grupo dos homens e uma busca por permanecer no grupo. Estes supõem que ao ser identificado como homens trans, acarretaria uma possível não aceitação como membro do grupo, do Clube do Bolinha¹. Há um reconhecimento pelo Outro social dele nesse lugar de homem.

é a uma imagem viril que os homens transexuais procuram se conformar. Isso não os opõe forçosamente às históricas, cujo questionamento sobre sua identidade pode levar a uma identificação imaginária com o homem. Por não saber se situar no lado mulher, coloca-se no lado homem: o que é uma maneira de resolver a questão. (MILLOT, 1992, p. 100).

As observações nos possibilitam verificar a proximidade dos sujeitos trans com as posições masculinas e femininas reforçando o que afirma Soler (2005), “os sujeitos se identificam tão pouco com sua anatomia, que se inclinam mais a se inquietar com seu ser sexuado” (p. 136). Tais inquietações se fazem presentes na vida dos sujeitos trans desde muito cedo. No trabalho desenvolvido e na escuta desses sujeitos é possível perceber que tal questão se faz presente na infância, conforme relato de uma mulher trans “nós não nascemos com 18 anos” denunciando que há algo na infância dessas pessoas que precisam ser verificadas.

Esse tema, transexualidade na infância é um tanto delicado ao mesmo tempo que necessário enquanto campo a ser percorrido. Atualmente tal questão tem tomado força e visibilidade, e a psicanálise não deve se furtar a esse debate uma vez que “se a anatomia decide sobre o registro civil, não comanda o desejo nem a pulsão” (SOLER, 2005, p.136).

A construção do ser sexuado é singular, ele é apoiado no imaginário do que vem a ser homem e ser mulher. Para tal, os sujeitos modulam seus corpos de acordo com o que trazem como condizente a posição masculina e feminina, seja pela realização de cirurgias estéticas até a forma de se portar no mundo. Interessante observar que os homens trans tendem, não todos, mas alguns, se identificam ao que é de pertença ao universo masculino e passam a se portar

¹ Em referência ao clube exclusivamente para meninos presente nas histórias em quadrinhos da Luluzinha por volta do ano de 1948.

como tal, seja na forma de vestir como na forma de interagir com outras pessoas, chegando em alguns momentos a apresentar comportamentos estereotipados vinculados ao popular “machão”.

Entretanto um fato não pode ser negado, o real. O real insiste. O real do corpo insiste ele se faz presente. Tomamos por exemplo o caso apontado anteriormente, há um real que insiste que é da ordem do biológico e o qual não pode ser negado. Homens trans por mais que façam a histerectomia² precisam fazer alguns acompanhamentos que são geralmente e frequentemente realizados por mulheres cis. O mesmo acontece com as mulheres trans, mesmo sendo feita a cirurgia de redesignação sexual elas ainda precisam fazer alguns acompanhamentos como por exemplo urologista pois elas possuem próstata. Colete Chiland (2005) destaca que a mudança de sexo esbarra em uma impossibilidade, o real do corpo continua o mesmo, muda-se mas não todo, “só se pode mudar a aparência e o estado civil; dentro do corpo, os cromossomos permanecem o que são”³ (p.565). Há algo que resta, o orgânico, o biológico, cromossômica, anatômico.

Percebe-se hoje um cuidado para tratar a questão, evitando falar do que é pertinente ao biológico, os sujeitos quando nascem são identificados enquanto macho ou fêmea com base nas suas características biológicas, as quais o acompanharão pelo resto de sua vida. Mas isso não significa que é o caminho último. “Da presença ou ausência do pênis, à qual se reduz inicialmente a anatomia, depende que alguém seja chamado de menino ou menina, e conseqüentemente doutrinado, mas é óbvio que é preciso mais para torna-lo um homem ou uma mulher” (SOLER 2005, p.136). desta forma, se faz necessário reconhecer que há um real que não deve ser esquecido, mas também não é o único caminho.

A, O, SUJEITO TRANS

O debate a respeito da transexualidade é ainda um terreno arenoso no qual se anda a passos lentos e cautelosos, pois envolvem questões que estão enraizadas na sociedade e cultura. Durante muitos anos a binaridade foi tratada como uma certeza, considerando o ser homem e ser mulher baseando-se em questões biológicas.

A transexualidade questiona o paradigma biológico, e ainda, questiona os sujeitos em sua sexualidade, gerando o que muitas pessoas relatam como um incômodo. Incômodo, gera um mal-estar e em alguns casos questiona as formas de ser e estar no mundo. Não é raro o relato de sujeitos que ao chegarem em determinados locais, como unidades de saúde, clínicas,

² Cirurgia ginecológica que consiste na retirada do útero.

³ Tradução livre do autor do texto “on peut seulement changer les apparences et l'état civil; l'intérieur du corps, les chromosomes restent ce qu'ils sont”.

supermercado, farmácia, percebem olhares diferenciados, “eu sou a estranha” “parece que sou um E.T.” relatam alguns sujeitos.

Extraterrestre, ser que não tem sua origem na terra, é de outro planeta, que planeta seria esse? A dificuldade de se sentir pertencente a um lugar permeia a vida de muitos desses sujeitos. Relembremos o personagem Gregor Samsa, protagonista da obra *Metamorfose* de Franz Kafka. Certa manhã Gregor acorda metamorfoseado em um inseto monstruoso, não se reconhece, seu corpo lhe é estranho. O texto de Kafka descreve as reações da família Samsa, que ao verem Gregor metamorfoseado agem no intuito de não o considerar, ele perdeu seu valor de sujeito, tornou-se algo estranho, o qual deve ser escondido, não deve ser visto e por fim ser extinto, há um movimento de livrar-se dele.

Pensar o dilema vivenciado por Gregor, remete há algumas histórias de pessoas trans. Seu estranhamento com relação ao seu corpo, a busca por um lugar, e a exclusão familiar e social fazem parte da vida desses sujeitos.

Jornais de alcance nacional, ancorados em informações apresentadas por organizações da sociedade civil, destacam que o Brasil é o país que mais assassina pessoas trans no mundo⁴. Associada a essa informação há outra, a perspectiva de vida dos sujeitos trans, que segundo essas mesmas instituições, em sua maioria não ultrapassa os 35 anos de vida⁵. Tais informações nos auxiliam a pensar o sujeito trans em um contexto social e cultural, o qual em sua maioria é excludente, relegando os sujeitos a margem.

O sujeito estranho, incomodo, provocador de mal-estar, e ao mesmo tempo tomado como objeto. Ele é tomado como objeto de prazer e de ódio, dois lados de uma mesma moeda, como bem expõe Lacan (2008b). Enquanto objeto de prazer, o corpo trans é tomado pela via do fetiche, escondido, velado, não é raro mulheres trans relatarem que homens heterossexuais, procuram elas pois sentem prazer em ter relações sexuais com uma mulher trans. Por outro lado, esse corpo também é alvo de ódio, agredido, queimado e em alguns casos desfigurado.

O ataque a este corpo que foge a lógica binária e biológica, é realizado de alguém externo que busca em certa medida, o apagamento desses sujeitos. Entretanto é interessante perceber que esses ataques não são dirigidos exclusivamente do outro externo para o sujeito, mas também do próprio sujeito, há uma busca de apagamento de algo que retorna, que se faz presente no sujeito, que lhe gera angústia o que Jorge (2001) traz como a invasão do real no imaginário.

⁴ relatório de 2021 da Transgender Europe

⁵ Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021

Frente a angústia, o sujeito busca alternativas para contorna-la, O sujeito busca sair dessa posição, chegando em alguns casos a passagem ao ato.

A passagem ao ato pode ser pensada como uma reação do sujeito mediante a identificação ao objeto *a*, ao resto, ao que resta da relação dele com o Outro.

A angústia aparece no momento em que o sujeito se pergunta que imagem de si mesmo verá no espelho; a imagem que o sujeito corre o risco de ver nesse momento é a de algo que não foi nomeado, a imagem de um corpo que ele não pode reconhecer, o objeto *a*. Como forma de evitar, de se defender da angústia, a qual comporta a problemática da identificação do sujeito com o objeto *a*, o sujeito rompe com a cena mediante seu ato, o sujeito busca uma saída, um corte, desvencilhando-se da posição que ocupa, de identificação ao objeto *a*. (RUTHES e LUSTOZA, 2018, p. 128).

São vários os relatos de situações em que pessoas trans, em um ato de desespero, cortam seus membros pois não reconhecem esses como sendo parte do seu corpo, ou ainda os consideram como uma marca de um gênero ao qual não se identificam. A vivência com o membro se torna tão angustiante que buscar extirpar o mesmo.

A extirpação do membro, realizada pelo próprio sujeito, é um ato extremo e muitas vezes solitário, sem ajuda e acompanhamento. Entretanto há outras formas de realizar a extirpação, com acompanhamento e procedimento científicos, cito as cirurgias de redesignação sexual.

Ao pensarmos a extirpação enquanto uma passagem ao ato do sujeito frente a angústia, a cirurgia de redesignação estaria a serviço de que? Ela teria a mesma finalidade de acabar com a angústia do sujeito, mas a diferença é a sua validação por procedimentos médicos específicos. Frente a sua angústia o sujeito busca algo que lhe de, imaginariamente, uma saída. Nessa busca encontram a medicina, que lhes promete a superação de sua angústia pela via medicamentosa e/ou cirúrgica.

Frente a esse panorama, Jorge (2017) destaca que:

cabe a psicanálise fazer crítica de inúmeras práticas ditas de terapia corporal, as quais, calcadas precisamente no ideal obscurantista de um retorno à natureza, desconhecem o fato de que o corpo, construído por meio da linguagem, só por esta é abordável, sendo partícipe de um real ao qual é impossível ter acesso (p.19).

Importante destacar que não temos nesse texto a intensão de criticar ou debater mais profundamente a respeito da importância do processo de redesignação sexual, tratamento importante aos transexuais. O que buscamos aqui é uma reflexão a respeito da proliferação de tratamentos, assim tratado por alguns autores, e da crítica direcionada a esses autores, os quais são questionados por tratar-se de um debate cujas raízes estariam localizadas na moral, em torno dos limites estabelecidos para a manipulação e transformação do corpo (CUNHA, 2016).

A cirurgia vem de encontro a busca do sujeito por um lugar, por uma identidade, frente ao que Chiland (2005), chama de angústia de aniquilação, sendo existencialmente vital se ele seja um homem ou uma mulher, caso contrário não é nada. Para a psicanálise conforme destacam Jorge e Travassos (2018, p. 103) “nomear-se como transexual fará parte de um enredo singular”.

Para a psicanálise portanto “o que há são sujeitos queixando-se do desalinho entre corpo e imagem, seja pela impossibilidade de assumir os lugares simbólicos ou pela cristalização imaginária relativa a uma identificação” (JORGE e TRAVASSOS, 2018, p. 103).

O nosso trabalho enquanto psicanalistas é o de escutar o sujeito, em toda a sua singularidade. Esse sujeito que possui um corpo real, simbólico e imaginário, que não se identifica com características biológicas, que encontra-se em sofrimento frente a não adequação, e que vive em um mundo que o toma enquanto objeto, o exclui e o patologiza.

Escutar o sujeito trans é escutar para além da patologização ou de concepções que trazem a transexualidade vinculada a psicose e perversão, o que tem se demonstrado falho, pois na prática diária, é possível perceber estruturas neuróticas presentes. Devemos estar advertidos em nossa prática, pois a medida que tratamos a transexualidade vinculada a alguma estrutura, podemos impossibilitar a escuta do sujeito, o que nos interessa é o sujeito, até “porque não há uma essência apreensível em si que se reduza a uma identidade” (JORGE e TRAVASSOS, 2018, p. 103). Desta forma, a aposta na psicanálise, pode levar o sujeito a sustentar sua posição subjetiva, suas escolhas, e se situar como homem ou mulher.

REFERÊNCIAS.

CECCARELLI, P. R. (2017). *Transexualidades*. 3. ed. São Paulo: Pearson Clinical Brasil.

CHILAND C. (2005). *Problèmes posés aux psychanalystes par les transsexuels*, Revue française de psychanalyse, (Vol. 69), p. 563-577. DOI : 10.3917/rfp.692.0563

CUNHA, E. L. (2019). *A psicanálise e o perigo trans ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?*. Periódicus, 5(1), 7-21.

BENEVIDES, B. G. NOGUEIRA, S. N. B. (2021). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE.

KAFKA, F. (1997). *A metamorfose*. 14º ed. São Paulo: Companhia das Letras.

JORGE, M. A. C. (2001) *Luto e Culpa na Análise e na Vida Cotidiana, Sobre as Resistências do Analista ou Vamos Falar da Morte?*, in Urânia Tourinho Peres. Culpa. São Paulo: Escuta.

JORGE, M. A. C. (2008). *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan*, v.I: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- JORGE, M. A. C. (2017) *Freud com Lacan: a psicanálise hoje*. Reverso, Belo Horizonte , v. 39, n. 73, p. 15-25, jun. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 abr. 2022.
- JORGE, M. A. C. TRAVASSOS, N. P. (2017) *A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?* Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 20(2), 307-330, jun.
- JORGE, M. A. C. TRAVASSOS, N. P. (2018). *Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- KEHL, M. R. (2008) *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1985). *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- LACAN, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- LACAN, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. In J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- LACAN, J. (2003). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In J. Lacan. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2005). *O simbólico, o imaginário e o real*. In J. Lacan, Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2008b). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2009). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2005b). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2016) *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- MILLOT, C. (1992). *Extrasexo, Ensaio sobre o transexualismo*, São Paulo: Escuta.
- Ruthes, F. R. Lustoza, R. Z. (2018). *Passagem ao ato e acting out: função e sentido da distinção*. Analytica: revista de psicanálise, 7(12), 120-132.
- SOLER, C. (2005) *O que Lacan Dizia das Mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SOLER, C. (2019). *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma.
- TEIXEIRA, M. R. (2018). *Aportes teóricos para um estudo sobre sexo, gênero e gozo na psicanálise*. In R. M. M. Mariotto (Org.), *Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas* (pp. 51-71). Salvador, BA: Ágalma.